

A AMIZADE COMO BELEZA EM MONTAIGNE

FRIENDSHIP AND BEAUTY IN MONTAIGNE'S ESSAYS

Nelson Maria Brechó da Silva*

Resumo: O presente trabalho pretende situar a amizade e sua descrição em Montaigne, que evoca a figura de seu amigo La Boétie. A partir dessa célebre amizade que foi rompida com a morte de La Boétie, segue-se uma análise dos conceitos amizade e beleza nos *Essais* de Montaigne e de suas principais fontes. A interpretação do texto permitirá reflexões sobre o sentido maior da amizade à luz da individualidade e da beleza.

Palavras-chave: Montaigne. Amizade. Individualidade. Beleza.

Abstract: This article intends to examine the friendship and its description in Montaigne, who evoke the image of his friend La Boétie. Based on this famous friendship, which was disrupted by the death of La Boétie, the concepts of friendship and of beauty are analyzed in Montaigne's *Essays* and in his main works. The interpretation of the text will enable a better understanding about friendship in the light of the concepts of individuality and of the beauty.

Keywords: Montaigne. Friendship. Individuality. Beauty.

Introdução

Ao comentar sobre a amizade em Montaigne, vale dizer que o reconhecimento da individualidade acontece nas relações amigáveis, visto que nelas, o homem percebe as qualidades morais. A ligação entre os amigos se concretiza à proporção que as qualidades se tornam mútuas. Contudo, a individualidade continua presente, e ainda muito mais virtuoso e fraterno se torna a presença dos amigos. Essa reciprocidade de qualidades assegura a correspondência de gostos para a edificação e constituição da beleza. Desse modo, a beleza indica aquilo que mais atrai uma pessoa à outra. Uma atração marcada pela amizade, de forma que seja paulatina e na busca do conhecimento do outro e de si mesmo.

A amizade se une ao conceito do belo, à medida que este aponte para o interior

* Licenciado em Filosofia pela USC de Bauru-SP, mestre em Filosofia pela UNESP de Marília; bacharel em Teologia, especialista em Bíblia pela FAJE de Belo Horizonte-MG. Atualmente é mestrando em Teologia pela PUC-SP, cujo tema da dissertação é a amizade sapiencial no livro Sirácida ou Eclesiástico da Sagrada Escritura, sob orientação do Prof. Dr. Gilvan Leite de Araujo. nelsonbrecho@yahoo.com.br

do outro. Quando se conhece o interior a partir da beleza física, pode-se ganhar um amigo, porque a pessoa é realmente digna de confiança. Por essa razão, a beleza espiritual envolve o interior, principalmente aquilo que há de muito agradável e que pode ser partilhado com o outro, numa correspondência dos gostos.

Procuram-se, nesse artigo, os dados que permitem compreender a amizade como busca do belo, sobretudo, da beleza vinculada à comunhão de ideias. Frente a essas considerações, ressaltam-se alguns pontos para maior compreensão da articulação que há entre a amizade e o belo: primeiro, a finalidade do casamento e da amizade; segundo, a amizade e a beleza.

1 A finalidade do casamento e da amizade

Conforme Montaigne, o casamento é como negócio e tem uma duração indeterminada e imposta ao homem. Com efeito, o casamento tem em vista outros objetivos, sem contar os incidentes que se misturam a ele. Tais gestos dificultam o curso da mais viva afeição, de modo que rompe o fio da afeição inerente à amizade. Haja vista que o casamento também se define como negócio em que a liberdade é restringida. Frente a essa definição, a noção de amizade torna-se inibida, porque o que a compõe é justamente a liberdade da qual é tolhida pelo casamento. De acordo com Birchall, a amizade é livre quando se relaciona com um desejo interior:

[...] a amizade é livre em Montaigne na medida em que responde a um desejo interior, mas, enquanto paixão, ela o torna mais passivo que ativo, mais súdito que sujeito. Mais uma vez, então, vemos a paixão se inscrever fortemente no 'eu', que aqui é menos o sujeito racional das escolhas refletidas ou senhor de suas ações, que um súdito dos sentimentos e paixões (BIRCHALL, 2000, p. 295).

A amizade expressa a interioridade por meio da experiência. Ele a registra como sentimento ligado à liberdade. Quando a pessoa toma a atitude de tecer uma amizade, mais ela é capaz de se humanizar, pois a aproximação permite a união das duas vontades. Nessa aproximação, acontece a união fraternal, que denota a comunhão de valores e dos testemunhos de vida. Agir fraternalmente significa agir livremente. Aquela pessoa que respeita o espaço do outro é capaz de agir com liberdade, porque o ama e deseja o melhor a ele.

Nesse sentido, vivenciar a amizade só é possível entre as pessoas que se assemelham pela virtude da *dike*, justiça. Disso decorre que a pessoa justa age pelo princípio daquilo que seja *agathos*, bom, para o grupo em que ele está inserido. Ao

conjugar *philia* com *dike*, a pessoa toma uma atitude humanizadora. Vale lembrar aqui o capítulo anterior, em que se vê a constituição da *pólis*. Lá se vê que a *pólis* foi constituída paulatinamente pela arte da persuasão em que cada um expressa sua *doxa*, opinião e se chega à conclusão pelo princípio da *hómoios*, igualdade. No entanto, o que assegura essa constituição da *pólis* é a *philia* como maior sentimento que pode existir no homem. A *philia* se associa, em Montaigne, com a ideia de *frater*, irmão. Isso implica que a amizade tem uma dimensão fraternal. Agora, ao retornar ao tema inicial desse parágrafo, que é a *dike*, percebe-se que ela é a principal virtude para a reta razão.

A reta razão, por sua vez, ocorre quando as coisas tidas como lícitas são, de fato, justas. Dessa maneira, aquilo que é legal é decidido pela legislação e às várias decisões destas se denominam como regras de justiça. Aristóteles afirma que “o termo justo é aplicado a qualquer coisa que produz e preserva a felicidade da comunidade política” (Entre colchetes a edição grega. ARISTÓTELES, 2007, p. 147 [livro V, 13, p. 198]). Nota-se a combinação dos conceitos: *díkaiá*, justo; *eudaimonías*, felicidade; *politiche koinonía*, comunidade política. Eles se combinam na busca da sociabilização, para garantir ao cidadão a atitude de um homem virtuoso e nobre. No caso da época de Montaigne, esses conceitos resgatam o valor do homem, pois o ajudam a se libertar da tirania e ter uma amizade alicerçada pela prática da justiça.

Aristóteles postula que a *dikaiosynes*, termo correspondente também à justiça é *téleía*, perfeita, porque se liga ao conceito *héteron*, outro: “a justiça, então, nesse sentido é virtude perfeita, ainda que com uma qualificação, a saber, que é exibida aos outros (e não no absoluto)” (ARISTÓTELES, 2007, p. 147 [livro V, 13, p. 198]). Observa-se que a união dos termos *téleía* e *héteron* expressa a alteridade. O outro é aquele que tem a mesma qualidade, ou seja, que seja virtuoso e, logo, que tenha a experiência da amizade. No caso de Montaigne e La Boétie, ambos experimentam esse *héteron*, porque se veem como irmãos e próximos pela beleza espiritual entendida como comunhão de ideias e de experiências. Estas marcam profundamente a Montaigne a tal ponto que ele registra suas opiniões e suas experiências. Uma tentativa, ou melhor, um exercício de dominar o tempo a fim de preencher a ausência de La Boétie. Assim, Montaigne eleva a sua amizade como “união perfeita”, ou seja, a *téleía philia*, proposta por Aristóteles, conforme se vê no comentário de Sérgio Cardoso:

Montaigne esquadrinha toda a gama dos vínculos associativos e interroga a natureza destes laços diversos que atam os homens entre si (o estatuto das diversas *philiai*, portanto, já que para os antigos esta palavra designa também, mais amplamente, todas as formas de

afinidade entre os seres e de suas associações). Ao mesmo tempo ele como que hierarquiza esses vínculos pelo grau da aliança que propiciam, pela sua consistência e solidez, e instala no topo da classificação, reinando soberana, a verdadeira amizade, a amizade acabada – *téléia philia*, dissera Aristóteles – “união perfeita”, sem brechas ou fissuras. “Divina ligação”, “a coisa mis uma e unida”, atada pelos “nós serrados e duráveis” de uma “costura santa”, fusão das almas, são as expressões de Montaigne para essa amizade... amizade que ele afirma ser o estofado da aliança que o associara a Etienne de La Boétie (CARDOSO, 1987, p. 165).

Montaigne indica que a amizade possui um fio que se prende por meio da espontaneidade com que ela se desenvolve. Dessa maneira, uma pessoa se aproxima da outra pelo laço que constitui a amizade. Este, por sua vez, ligado à escolha de um amigo que apresente uma viva afeição para se tecer o fio da amizade. Um tecer que revela a intimidade e a liberdade na constituição da amizade. Constituição compreendida como exercício de se conhecer; ao alinhar a pessoa se torna mais consciente de que é humana e que lhe cabe somente experimentar.

Para Montaigne, o casamento rompe o fio da amizade, porque impede a liberdade e, principalmente é imposta pelos outros. Pode ser definido como um negócio ou um contrato, com duração obrigatória e forçada.

Quanto ao casamento, além de ser um negócio em que nossa liberdade se restringe às primeiras gestões e cuja duração indeterminada nos é imposta, conclui-se geralmente em vista de outros objetivos e mil e um incidentes estranhos e imprevisíveis se misturam a ele, o que basta para perturbar o curso da mais viva afeição e romper o fio a que ela se prende (Entre colchetes a edição francesa. MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 65-66 [1984, p. 93]).

Segundo Sérgio Cardoso, “a indissolubilidade que muitas vezes acompanha [o casamento] – costume frequentemente contestado de modo tão leviano – manifesta-se como imagem privilegiada dos pactos, do caráter obrigatório e forçoso de seu cumprimento” (CARDOSO, 1987, p. 181). Assim, o casamento não se concilia com a amizade, porque tem vista a imposição e não a escolha da pessoa.

De acordo com Montaigne, os legisladores tentam assemelhar o casamento com a amizade, através da proibição de doações entre marido e mulher. Isso indica que o que é de cada um é, na verdade, de ambos. E mais: nada pode ser divisível ou atribuível a apenas um, pois marido e mulher formam uma só carne. Além disso, para Montaigne, a amizade tem ligação de essência divina, talvez por ser a maior virtude.

Eis por que os legisladores, com o fito de emprestar ao casamento uma vaga semelhança com essa ligação de essência divina, proibem as

doações entre marido e mulher, tentando assim levar-nos a entender que o que é de cada um deve ser de ambos e que nada do que lhes pertence se pode dividir ou atribuir pessoalmente a um dos cônjuges (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 72 [1984, p. 95]).

Na amizade e no movimento do interior do homem, ao contrário do casamento, conforme Montaigne, nada intervém senão a amizade e ela mesma, porque move o interior do homem pelo laço que o une ao outro. Uma intervenção gratuita pela finalidade que se tem: operação que só ocorre entre amigos. Já as mulheres, estas geralmente não têm condições de participar e trocar ideias nas conversas.

“Participar” e “trocar” são imprescindíveis para a prática das relações elevadas que a amizade cria. Por essa razão, as mulheres não têm o mesmo objetivo da amizade, visto que não estão em condições de participar de conversas e de trocar ideias. Conversar e trocar ideias são necessários à prática da amizade, que têm ordem elevada por ser a maior afeição que exista. À medida que se trocam experiências, um aprende com o outro e também ensina. Eis aqui mais uma vez a noção de amizade que instiga a conversa e troca de ideias.

Ao passo que, quando se trata da amizade, nada intervém senão ela e ela unicamente. A tanto se acrescenta não estarem, em geral, as mulheres em condições de participar de conversas e trocas de ideias, por assim dizer necessárias à prática dessas relações de ordem tão elevada que a amizade cria (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 66 [1984, p. 93]).

Montaigne destaca que a alma das mulheres parece carecer de vigor para sustentar o abraço apertado da amizade. O vigor é indispensável para o abraço apertado, posto que o sentimento de duração da amizade é ilimitado e fortemente une o homem: “a alma delas [mulheres] parece carecer do vigor indispensável para sustentar o abraço apertado desse sentimento de duração ilimitada e que tão fortemente nos une” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 66 [1984, p. 93]).

Mas, por que a ideia do abraço apertado comparado à amizade? O abraço é amplo e consiste em apertar ou rodear com os braços, abarcar, adotar a postura fraterna e apertada. O verbo “apertar” sugere o ato de unir mutuamente com força, estreitar fortemente nos braços, juntar-se muito, unir-se. Por que sentimento de duração desmesurada? O que tem a ver com a expressão “fortemente nos une”? A desmesura diz respeito à sensação vivaz que a amizade imprime entre as pessoas. O verbo “unir” alude ao fato de ligar-se por afeto como objeto de afeição, amizade e amor. O termo “fortemente” denota o consistente, intenso, fortaleza, vigoroso, que caracterizam o que

Montaigne designa acerca da amizade com duração perene.

Montaigne diz que se fosse possível formar com uma mulher uma ligação semelhante à amizade, em que alma provasse a plena satisfação e o corpo encontrasse seu prazer, de maneira que se entregassem inteiramente, a amizade seria mais perfeita e total. Em relação à mulher, seria necessário unir a beleza do corpo vinculada ao prazer com o estado da alma plena em satisfação através da amizade. Esta atitude de forma livre e voluntariamente não se torna possível com uma mulher, pois a satisfação plena ocorre mormente na amizade e não numa relação com mulher, cujo objetivo visa ao mero prazer.

Para Birchal, a amizade exprime uma experiência singular: “Nem os exemplos, os modelos, e nem mesmo a linguagem poética, tão estimada por Montaigne são capazes de espelhar esta experiência, entre todas mais singular. Enfim, a literatura não consegue esgotar o sentido da amizade” (BIRCHAL, 2000, p. 290).

Ora, se fosse possível a união do prazer e da satisfação da alma, a amizade, segundo o filósofo seria mais perfeita e total. A noção de amizade perfeita é a que unifica corpo e alma.

Por certo, se se pudesse formar com uma mulher, livre e voluntariamente, semelhante ligação, em que não apenas a alma provasse plena satisfação mas também o corpo encontrasse seu prazer, em que cada qual assim se entregasse por inteiro, a amizade seria mais perfeita e total (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 66 [1984, p. 93]).

Em contraposição à possibilidade anterior, sublinha-se que não existe, segundo Montaigne, nenhuma mulher que alcança ou que alcançou a forma de uma amizade mais perfeita. Além disso, o pensador afirma que da mesma forma, as escolas filosóficas também postulam a impossibilidade de formar com uma mulher um sentimento mais perfeito do que a própria amizade: “mas não há exemplo de mulher que a tanto tenha chegado e, de comum acordo, todas as escolas filosóficas da Antiguidade concluíram ser isso impossível” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 66 [1984, p. 93]).

Diante das passagens analisadas, é importante frisar que a amizade é um sentimento ilimitado, que leva a uma forte união entre os homens. Além disso, a amizade enfoca relações elevadas que englobam a participação em conversas e às trocas de ideias, de forma a ampliar o fio da afeição da própria amizade. Desse modo, o casamento não visa ao mesmo objetivo da amizade, pois se desvincula dela por meio da imposição e não da livre escolha.

A amizade tem como objetivo a virtude. A ideia do abraço apertado faz pensar

que a amizade supõe a intimidade gerada pela conversa e da comunhão das ideias. Pode-se afirmar que o valor da amizade está acima da mulher, uma vez que a amizade é, em suma, muito mais perfeita. Em outras palavras, ela é a *virtus*. A alma do homem só pode provar plena satisfação pela amizade. E esta entendida como a maior virtude que a alma pode sentir, que ultrapassa o amor erótico, e prazeroso.

2 A amizade e a beleza

Montaigne comenta sobre o gênero de licenciosidade entre os gregos que exige certa distinção de idade, papéis diferentes entre os homens e a homossexualidade, de modo que os homens buscam nas mulheres a procriação e nos homens o prazer. Esse gênero não compreende mais, na época do autor, o entendimento perfeito e a conformidade de sentimentos, que agregam a amizade.

Em contrapartida, vê-se que a amizade aspira ao entendimento perfeito e à conformidade de sentimentos. Entendimento explicita a faculdade de compreender, pensar ou conhecer que na amizade vira algo espontâneo e não como obrigatório. A conformidade aponta a coisa de acordo com algo, que não seja de cunho sexual e erótico e sim afetivo no sentido da dignidade que se encontra no outro.

A amizade é, portanto, um amor que envolve o corpo e a alma, de forma que ultrapassa a dimensão corporal, porque apura a alma. Na amizade, os sentimentos são expressos por intermédio do diálogo que possibilita a partilha das ideias, bem como os diferentes pontos de vista. Partilhar é um modo de ter parte do outro, não por puro prazer, mas pelo desejo de que o outro faça parte da própria vida e história.

Esse outro gênero de licenciosidade contra a natureza que era permitida entre os gregos, mas que nossos costumes reprovam com razão, exigindo como exigia certa diferença de idade e papéis diferentes, não atendia muito mais ao entendimento perfeito e à conformidade de sentimentos a que a amizade aspira (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 66 [1984, p. 93]).

Nesse sentido, Montaigne recorda a célebre frase de Cícero acerca do significado do amor de amizade: “Que significa afinal esse amor de amizade? Por que não se ama de amor nem um adolescente feio nem um belo ancião?” (CICÉRON, *Tusculanes*, IV, 33 apud MONTAIGNE; I, 28, 1946, nota “a”, p. 66 [1984, p. 93]). As diferentes faixas etárias impedem que se formem afeições mais íntimas, pelo fato do distanciamento que há entre elas, que limita a espontaneidade, tão necessária para que

haja a amizade. Por isso, é comum ocorrer entre um idoso e um jovem e vice-versa a aversão ou o respeito, principalmente quando são de distintas culturas e valores. Depois, o filósofo parte para os filósofos da Academia, mas quem são? O filósofo Platão e seus sucessores denominados neoplatônicos.

Montaigne explicita a história do filho de Vênus, bem como o seu amante adolescente. A partir disso, Montaigne narra os gestos apaixonados deles, que provêm de um ardor excessivo. Estes gestos somente se vinculam à beleza das formas exteriores, isto é, do corporal mediante o amor erótico. Acrescenta-se que os gestos corporais possuem uma falsa semelhança com o amor da amizade, pelo fato de que o adolescente, protagonista da paixão de Vênus, é jovem demais e isso o torna incapaz de mostrar o amor. Aliás, seu corpo ainda está em vias de desenvolvimento, pois descobre a cada momento algo novo que promove a maturidade.

E não me desmentirão os filósofos da Academia, pois tomo de empréstimo sua própria descrição: esse delírio, dizem eles, inspirado pelo filho de Vênus, que desde logo se apodera do amante e faz com que se entregue, sobre a flor de mocidade a que se afeiçoou, aos gestos mais extravagantes e apaixonados que pode insuflar um ardor excessivo, era simplesmente provocado pela beleza das formas exteriores e uma falsa semelhança com o ato do amor. Não era pelo espírito que o adolescente, objeto dessa paixão, podia inspirá-lo, não estava em condições de mostrá-lo porque jovem demais e em vias de desenvolvimento (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 67 [1984, p. 93]).

Montaigne classifica dois tipos de indivíduos: um que detém sentimentos vulgares e outro que é de caráter mais elevado. Quanto ao primeiro, o autor considera que o homem busca no outro apenas o que seja do âmbito material e, sobretudo, uma amizade utilitarista que pode ter um sentido privado ou público. Privado naquilo que faz com que ele se sinta mais honrado perante os outros ou favores caritativos que proliferem simplesmente o seu próprio nome para ser mais importante do que outrem. Público no favor que envolve o dinheiro ou presentes para “comprar” o outro, sem se importar com o bem-estar dele e sim para demonstrar perante os outros aquilo que é realizado.

Se esses transportes tinham por objeto um indivíduo de sentimentos vulgares, dinheiro, presentes, honrarias e outros favores igualmente pouco recomendáveis e que, de resto, tais filósofos condenavam, eram os meios postos em prática para vencer quaisquer resistências (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 67 [1984, p. 93]).

Agora, o segundo possui meios que são considerados mais honrosos, sobretudo

no campo da filosofia. Como assim? Os ensinamentos filosóficos que sustentam o respeito à religião, porque importa o *telos* a que geralmente as religiões almejam: o bem. Essa finalidade permite que as pessoas, apesar de professarem diferentes religiões, possam ter algo em comum que diz tocante à amizade, ao ato de compartilhar pensamentos e sentimentos que se completam, de modo a elevá-las à plenitude daquilo que compõe o ser humano.

Outro ensinamento concerne ao devotamento à pátria até o sacrifício da vida. O devotamento implica dedicar e consagrar completamente a vida em prol do bem da nação, contra qualquer tipo de tirania ou governo opressor. Ressalta-se também na lista dos ensinamentos filosóficos a coragem, que agrega energia moral perante situações aflitivas e difíceis.

Depois, a sabedoria, que encanta e torna bela a amizade, pois a erudição aponta a qualidade de o sábio ser prudente e sensato. Por fim, a justiça como imprescindível à amizade, porque é a virtude de dar a cada um aquilo que é seu, ou melhor, a faculdade de julgar segundo o direito e melhor consciência para a *pólis*.

Segundo Birchal, os vínculos humanos não provenientes da amizade são relativos, de forma que somente a amizade é perfeita: “todos os vínculos humanos oscilam, por razões diversas, e ocupam a esfera do relativo; só a amizade é absoluta, perfeita, incomensurável” (BIRCHAL, 2000, p. 293). A amizade caracteriza um tom mais elevado e perfeito do que o utilitarismo, supérfluo e transitório.

[...] se o indivíduo era de caráter mais elevado, faziam-se também os meios mais honrosos: ensinamentos filosóficos que propugnavam respeito à religião, à obediência às leis, o devotamento à pátria até o sacrifício da vida, a coragem, a sabedoria, a justiça (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 67 [1984, p. 93]).

O amor tem sua precariedade em relação à amizade, pois encontra na sua realização o esgotamento. Desse modo, ele acaba quando desfruta de seu objeto. Isto significa que, no amor, a relação tem um “fim” objetivado para além dela mesma, ou melhor, ela pode ser objetivada na posse ou no prazer. A amizade, pelo contrário, independe de qualquer projeto exterior a ela mesma, até do conhecimento do bem em si; ela é ela mesma este bem em ato.

Montaigne diz que o amante, apesar do desgaste físico, tem a intenção de atrair o jovem por intermédio do espírito e de sua elevação da alma. Desse modo, o amante demonstra uma associação mental, esperançoso para que haja da parte do jovem um acordo que seja sério e duradouro.

Era então pelas graças do espírito e a elevação da alma, compensando a beleza física já gasta, que o amante procurava ser aceito por aquele a quem propunha uma espécie de associação mental na esperança de acordo mais sério e duradouro (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 67 [1984, p. 93]).

Segundo Montaigne, os filósofos não exigem da parte do amante nenhum limite de tempo. Trata-se, então, de descobrir no amante as qualidades contidas em seu interior para que, de tal forma, seja seduzido por elas. Faz-se notório dizer que o resultado não é imediato, porque instiga um caminho longo e difícil. Como se dá a sedução? Ela se dá através daquilo que atrai ou encanta. Ela pode ser um elemento importante ao desenvolvimento da amizade, desde que seja relativo à comunhão de ideias e projetos.

Realizada a ligação, ocorria um momento em que o espírito acordava no ser amado sob a influência das qualidades morais do amante. Um tal resultado não era imediato, pois nossos filósofos não impunham ao amante nenhum limite de tempo e lhe deixavam toda latitude para alcançar seus fins, admitindo que tais condições eram ainda mais normais no objeto da afeição, porquanto descobrir naquele com quem se ligava essas qualidades que constituíam uma beleza escondida e ser por elas seduzido era coisa longa e difícil (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 67 [1984, p. 93]).

Vale elucidar, uma concepção espiritual na qual a beleza física não passa de mero acidente. Todavia, o amante age ao contrário, de forma que os filósofos acentuam o amado como figura em maior destaque, uma vez que imaginam que assim desejam os deuses.

O desejo de uma concepção espiritual devia ser o principal: a beleza física não passaria de acidente. No amante o contrário era o certo e por isso davam os filósofos preferência ao papel do amado e pensavam que assim quisessem os deuses (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 67 [1984, p. 93]).

Montaigne menciona o papel do amor entre Aquiles e Pátroclo, que gera a afeição moral e física. Essas afeições são importantes a fim de que resultem consequências úteis aos interessados e ao país.

Daí a censura ao poeta Ésquilo que invertera esses papéis nos amores de Aquiles e Pátroclo, dando o papel de amante a Aquiles, o qual imberbe e adolescente fora o mais belo dos gregos. Desta ligação moral e física, e da afeição dela decorrente, elemento essencial e confessável, diziam eles que resultavam consequências muito úteis tanto para os interessados como para o país (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 67 [1984, p. 93]).

Salienta-se que as afeições propiciam uma precípua defesa da justiça e da

liberdade. Aliás, as afeições concedem um fortalecimento da nação. Com isso, Montaigne alude o amor entre Harmódio e Aristogíton que é visto como divino.

Que contribuía antes de mais nada para o fortalecimento da nação que aceitava o costume, e se constituía em principal defesa da justiça e da liberdade, como o testemunhavam os salutareos amores de Harmódio e Aristogíton. Daí, tacharem-na de divina, não tendo sido hostilizada senão pelos tiranos e a covardia do povo (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 68 [1984, p. 94]).

Montaigne não nega a possibilidade de o amor se tornar uma amizade: “Todavia, pode-se alegrar em favor da Academia o fato de que tais amores acabam por se tornar amizades” (MONTAIGNE; I, 28, p. 68 [1984, p. 94]). Vê-se, assim, outro aspecto: a amizade, portanto, pode partir dos amores desde que estes desejam almejá-la. O autor entende “amores” como as afeições descritas anteriormente, que são efêmeras, cuja finalidade é o prazer. No entanto, pode provir a amizade ao passo que se direcione ao diálogo do qual reveste a afeição da amizade. O diálogo reflete uma ação inacabada, na qual os amigos buscam se conhecer. Para Bignotto, nesse caso, Montaigne pode ser visto como renascentista: “Com relação aos grandes sistemas medievais e ao esforço conceitual da modernidade podemos dizer que a Renascença foi, sobretudo, uma época sem espírito de síntese; é nisso que Montaigne é um pensador renascentista por excelência [...] é ao mesmo tempo na curiosidade sem limites e no inacabamento da argumentação que encontra sua força e a especificidade de seu trabalho” (BIGNOTTO, 1992, p. 41).

O autor correlaciona a sua argumentação acerca do amor que se torna amizade por meio da beleza com a definição que os estoicos ilustram do amor: “o que se adapta bastante bem à definição que os estoicos dão do amor: ‘O amor é o desejo de alcançar a amizade de uma pessoa que nos atrai pela beleza’” (Cícero, *Tusculanes*, IV, 34 apud MONTAIGNE; I, 28, p. 68 [1984, p. 94]). Nota-se na frase de Cícero o ensejo do amor em busca da amizade por meio da beleza que tanto atrai o homem. A beleza exprime a qualidade do belo e do muito agradável. Por esse motivo, a beleza se une à moção da atração pelo fato de ser elevada e sublime, ou seja, agradável aos sentidos, posto que fornece o pressuposto do desejo da amizade. A experiência amorosa, nesse sentido, pode ser um meio para o princípio de uma amizade como beleza.

Para tanto, as diferentes idades podem dificultar na busca do entendimento perfeito, devido ao espaço distinto de idade e ao respeito que oriunda diante dessas pessoas. Cabe ao homem ir em direção à preparação da amizade para que atinja o

entendimento perfeito e a conformidade de sentimentos.

Nesse caminho, a sedução pode ser algo que auxilie na ampliação da amizade, desde que o outro seja encantado não pela beleza física e sim espiritual, que é mais profunda, duradoura e benéfica. É possível, de acordo com Montaigne, que o amor se transforme numa amizade. À medida que o autor reflete sobre o amor e a amizade, ele recorre, conforme visto, ao texto estoico, para demonstrar que a atração do deslocamento do amor à amizade acontece através da beleza. Segundo Eva, “a perspectiva de Montaigne diante do estoicismo é a de ‘um ensaio’ nesse sentido, isto é, uma tentativa de pôr em ação a filosofia” (EVA, 2007, p. 417). Montaigne, desse modo, empreende um exercício de unir suas experiências com a escrita, através do uso da recordação e mais especificamente da reflexão para descobrir aquilo que seja belo da amizade.

Cabe, então, ao homem ir em direção à preparação e à celebração da amizade para que atinja o entendimento perfeito e a conformidade de sentimentos. Nesse caminho, a sedução pode ser algo que auxilie na ampliação da amizade, desde que o outro seja encantado não pela beleza física e sim espiritual, que é mais profunda, duradoura e benéfica. Nesse sentido, a amizade auxilia na humanização do indivíduo, porque cresce com o simples desejo que o homem tem dela, de modo que se eleva, desenvolve-se e amplia-se com a frequência, ou seja, com a convivência entre amigos.

Uma convivência entendida como partilha mútua dos sentimentos. Essa partilha permite a elaboração e a conformidade dos sentimentos, porque, aos poucos, nasce o amor da amizade. Esse amor leva o homem à sua plenitude, visto que é capaz de conceder a ele a dignidade e, acima de tudo, conduzi-lo ao reconhecimento de sua humanidade. Por isso, a preparação é lenta, pois implica a abertura franca e recíproca. Assim, celebra-se a amizade como busca da própria liberdade de ver no outro o sentido de sua humanidade. Trata-se do valor que o homem tem para a sociedade.

Outro fator importante também é a amizade como sentimento cheio de nobreza. Ser nobre, por sua vez, sugere uma amizade ilustre, elevada, sublime e construída pela afeição mútua. O verbo construir indica que a amizade cresce à medida que um possa entrar na vontade do outro. Nessa entrada, formam-se sentimentos e atitudes semelhantes, porque um passa a admirar o outro pela beleza que lhe apresenta. Uma beleza que provém do interior do homem e que o humaniza, porque o outro mostra o sentido de ser humano.

Esse sentido é realmente nobre, digno de categoria, pois garante a construção da amizade. Aliás, a construção é uma experiência que ocorre tal como um tecelão, que tece cuidadosamente uma roupa, de forma a lhe dar uma imagem concreta, por meio de pontos, que ao terminar de uni-los, tem-se a roupa. Assim, ocorre também com a amizade. Ponto este traçado pelo princípio da igualdade, na qual o homem encontra sua liberdade e dignidade.

Além do mais, constata-se a amizade como um sentimento ilimitado, que leva a uma forte união entre os homens. Ela enfoca relações elevadas que englobam a participação em conversas e às trocas de ideias, de forma a ampliar e tornar próximo o fio de sua afeição: o amor *philia*.

Considerações Finais

A partir da análise dos conceitos amizade e beleza, chegam-se às seguintes considerações. Primeiro, a amizade é mais perfeita, porque é amor *philia*; em outras palavras, ela é a *virtus* principal do cidadão da *pólis*. Aqui se percebe outro elemento político como decorrência da amizade. Por isso, a alma do homem somente encontra plena satisfação pela amizade. Esta, por sua vez, caracteriza-se como exercício constante de preencher o vazio do interior do homem, a capacidade de responder as suas indagações, que nunca cessa, pois tem em vista a edificação e o autorreconhecimento do homem.

Segundo, a amizade pode nascer também a partir do pressuposto da beleza física. Nesse caso, a atração física precisa dar lugar à busca da beleza ideal e não corpórea. A beleza ideal concede consistência à transformação do amor erótico à amizade *philia*. Uma transformação longa e difícil, que dignifica o homem, porque é um exercício, isto é, uma experiência na qual o homem torna vivo aquilo que seja ideal.

Por esse motivo, em terceiro lugar, a amizade não é uma teoria e sim uma experiência contínua daquilo que realmente constitui a beleza do homem. Uma beleza que o conduza no seu reconhecimento e na sua realização como humano, como pessoa livre, igual e capaz de se tornar como modelo, digno de ser imitado pelos outros.

Referências

ARISTÓTELES. *Éthique de Nicomaque*. Paris: Garnier Frères, 1940.

- _____. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: EDIPRO, 2007.
- BIRCHAL, T. *Montaigne e seus duplos: elementos para uma história da subjetividade*. 2000. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- BIGNOTTO, N. Montaigne renascentista. *Kriterion*, n. 86, p. 29-41, ago./dez. 1992.
- CARDOSO, S. et al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 159-194.
- EVA, L. *A figura do filósofo: ceticismo e subjetividade em Montaigne*. São Paulo: Loyola, 2007.
- MONTAIGNE, M. *Essais*. Paris: Les Belles Lettres, 1946.
- _____. *Os ensaios*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os PENSADORES).

Artigo recebido em: 28/09/11
Aceito em: 12/12/11